

TEXTO I

CARNAVAL CARIOCA

(...)

Eu mesmo... Eu mesmo, Carnaval...
 Eu te levava uns olhos novos
 Pra serem lapidados em mil sensações bonitas,
 Meus lábios murmurando de comoção assustada

- 5 Haviam de ter puríssimo destino...
 É que sou poeta
 E na banalidade larga dos meus cantos
 Fundir-se-ão de mãos dadas alegrias e tristuras, bens e males,
 Todas as coisas finitas
- 10 Em rondas aladas sobrenaturais.

Ânsia heróica dos meus sentidos
 Pra acordar o segredo de seres e coisas.
 Eu colho nos dedos as rédeas que param o infrene das vidas,
 Sou o compasso que une todos os compassos,

- 15 E com a magia dos meus versos
 Criando ambientes longínquos e piedosos
 Transporte em realidades superiores
 A mesquinhez da realidade.
 Eu bailo em poemas, multicolorido!
- 20 Palhaço! Mago! Louco! Juiz! Criancinha!
 Sou dançarino brasileiro!
 Sou dançarino e danço! E nos meus passos conscientes
 Glorifico a verdade das coisas existentes
 Fixando os ecos e as miragens.
- 25 Sou um tupi tangendo um alaúde
 E a trágica mixórdia dos fenômenos terrestres
 Eu celestizo em eurrítmias soberanas,
 Ôh encantamento da Poesia imortal!...

Onde que andou minha missão de poeta, Carnaval?

- 30 Puxou-me a ventania,
 Segundo círculo do Inferno,
 Rajadas de confetes
 Hábitos diabólicos perfumes
 Fazendo relar pelo corpo da gente
- 35 Semiramis Marília Helena Cleópatra e Francesca.
 Milhares de Julietas!
 Domitilas fantasiadas de *cow-girls*,
 Isoldas de pijama bem francesas,
 Alzacias portuguesas holandesas...
- 40 Geografia
 Êh liberdade! Pagodeira grossa! Ê bom gozar!
 Levou a breca o destino do poeta,
 Barreei meus lábios com o carmim doce dos dela...

(...)

Carnaval ...

- 45 Porém nunca tive intenção de escrever sobre ti...
 Morreu o poeta e um gramofone escravo
 Arranhou discos de sensações...

TEXTO II

CORDÕES

*Oh! abre ala!
Que eu quero passá
Estrela d'Alva
Do Carnavá!*

Era em plena rua do Ouvidor. Não se podia andar. A multidão apertava-se, sufocada. Havia sujeitos congestionados, forçando a passagem com os cotovelos, mulheres afogueadas, crianças a gritar, tipos que berravam pilhérias. A pleora da alegria punha desvarios em todas as faces. Era provável que do largo de São Francisco à rua Direita dançassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem duzentos tambores, zabumbassem 5 cem bombos, gritassem cinqüenta mil pessoas. A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho. A atmosfera pesava como chumbo. No alto, arcos de gás besuntavam de uma luz de açafião as fachadas dos prédios. Nos estabelecimentos comerciais, nas redações dos jornais, as lâmpadas elétricas despejavam sobre a multidão uma luz ácida e galvânica, que enlivedescia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o panejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante 10 dos *confetti*, que, como um irisamento do ar, caíam, voavam, rodopiavam. (...) Serpentinias riscavam o ar; homens passavam empapados d'água, cheios de *confetti*; mulheres de chapéu de papel curvavam as nuças à etila dos lança-perfumes, frases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, risos, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, misto de perfume barato, poeira, álcool, aquecia ainda mais o baixo instinto de promiscuidade. A rua personalizava-se, tornava-se uma e parecia, toda ela policromada de serpentinias e *confetti*, arlequinar o pincho 15 da loucura e do deboche. Nós íamos indo, eu e o meu amigo, nesse pandemônio. Atrás de nós, sem colarinho, de pijama, bufando, um grupo de rapazes acadêmicos, futuros diplomatas e futuras glórias nacionais, berrava furioso a cantiga do dia, essas cantigas que só aparecem no Carnaval:

*Há duas coisa
Que me faz chorá
É nó nas tripa
E bataião navá!*

(RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Questão 01

*“É que sou poeta
E na banalidade larga dos meus cantos
Fundir-se-ão de mãos dadas alegrias e tristuras, bens e males,
Todas as coisas finitas
Em rondas aladas sobrenaturais.”*

(texto I – versos 6 a 10)

O fragmento do poema de Mário de Andrade expressa um tipo de proposta que difere do projeto parnasiano de trabalhar com temas sérios, clássicos ou grandiosos.

- A. Redigindo sua resposta em, no máximo, duas frases completas, aponte a diferença entre o projeto parnasiano e o que está expresso no fragmento acima.
- B. Explique, em uma frase completa, a atitude do autor do texto I quanto à metrificação e relacione-a ao estilo de época a que pertence este texto.

Questão 02

“Onde que andou minha missão de poeta, Carnaval?” (texto I – verso 29)

O trecho acima contém uma figura de linguagem chamada apóstrofe.

- Reescreva esse verso começando-o pela apóstrofe e colocando o sujeito na ordem direta.
- Cite a função sintática que corresponde à apóstrofe e explique, em uma frase completa, por que ela é empregada no texto.

Questão 03

O texto de Mário de Andrade utiliza palavras e expressões populares ao lado de termos e construções típicos da língua culta. Diferentemente, o texto de João do Rio é escrito de acordo com os padrões da língua culta, ficando a reprodução da língua popular restrita aos trechos das músicas carnavalescas.

- “Fundir-se-ão” (texto I - verso 8) é um exemplo rigoroso de construção de língua culta. Explique por quê e reescreva esse exemplo de modo coloquial.
- Linguísticamente, “passá”, “carnavá”, “duas coisa”, “chorá”, “nas tripa”, “bataião” e “navá” (texto II - transcrições) são exemplos diferentes de variação popular.

Observe os versos do texto I:

“Eu colho nos dedos as rédeas ...” (verso 13)

“É bom gozar!” (verso 41)

Reescreva esses versos repetindo apenas os tipos de variação de linguagem expressos nas transcrições do texto II.

Questão 04

Entre as diversas formas de se classificar um texto descritivo, pode-se mencionar a *descrição estática* (por exemplo: a descrição dos móveis de uma sala de aula; a descrição de um carro) e a *descrição dinâmica* (por exemplo: a descrição de uma aula de ginástica; a descrição de uma ultrapassagem em uma corrida de Fórmula 1).

- Sem transcrever partes do texto II, identifique em qual desses tipos de descrição se enquadra o texto de João do Rio e justifique sua resposta em uma frase completa.
- Aponte, em até duas frases completas, uma semelhança entre o projeto do Realismo e o que o texto de João do Rio expressa.

Questão 05

Observe a formação dos seguintes vocábulos do texto II:

“panejamento” (derivado de “pano”), “irisamento” (derivado de “íris”), “arlequinar” (derivado de “arlequim”) e “pandemônio” (composto de **pan** + **demônio**), neologismo criado por Milton, poeta inglês do século XVII, no seu livro *O paraíso perdido*, para designar o palácio de Satã.

A partir desses exemplos, explique, em até duas frases completas:

- o emprego conotativo da palavra “pandemônio” (texto II, linha 15) e indique o sentido do morfema “pan-”;
- como se forma o vocábulo “enlivedescia” (texto II - linha 8) e qual a sua classificação quanto ao processo de formação.